



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E HUMANIDADES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**



GÊNERO E SUAS RELAÇÕES COM AS ARTES MARCIAIS

Finalidade: Trabalho de Conclusão de Curso

Data de apresentação a Banca Examinadora: Novembro de 2017

Pesquisador Principal (Orientador): Mariana Kubilius Monteiro

Pesquisadora Secundária (aluna de graduação): Gabriela Cândido dos Reis

CAMPINAS

2017

Mariana Kubilius Monteiro

Doutoranda em Educação

UNICAMP, Faculdade de Educação, Departamento de Educação, Conhecimento,
Linguagem e Arte

Av. Bertrand Russell, 801– Cidade Universitária “Zeferino Vaz”

CEP 13083-865 – Campinas, SP – Brasil

Telefone: (19) 98115-8710

e-mail: marikubilius@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3227096849831055>

Gabriela Cândido dos Reis

Estudante de Graduação de Educação Física

UNICAMP, Faculdade de Educação Física

Av. Santa Isabel, 1125 - Barão Geraldo, Campinas - SP, 13084-643

Telefone: (19) 971430131

<http://lattes.cnpq.br/7877318650869063>

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio dos Santos Augusto - CRB 8/4991

R277g Reis, Candido Gabriela, 1986-
Gênero e suas relações com as artes marciais / Gabriela Candido dos Reis. –
Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Mariana Kubilius Monteiro.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Gênero. 2. Artes marciais. 3. Aula. 4. Professoras. I. Monteiro, Kubilius
Mariana. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física.
III. Título.

Informações adicionais complementares

Palavras-chave em inglês:

Gender

Martial arts

Class

Female teachers

Titulação: Licenciatura

Banca examinadora:

José Julio Gavião de Almeida

Data de entrega do trabalho definitivo: 27-11-2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, pelo apoio e carinho em todos os momentos da minha vida. Muito obrigada mãe, que durante tantos anos tem sido mãe e pai. Ao meu filho Yan Candido, que foi a força maior para que eu ingressasse na faculdade, a qual me deu ânimo para continuar até o final. Ao meu shifu Aleksandro Gonçalves, por transmitir seu conhecimento. Agradeço por ter um shifu como você me conduzindo pelo caminho do Kung Fu. Os meus alunos e alunas de Kung Fu que tiveram influência direta na criação, escrita e vivência prática para conclusão desse estudo. A minha orientadora, Mariana Kubilius Monteiro, pela paciência e pela dedicação ao me orientar neste trabalho. A todos os professores da UNICAMP que me ajudaram e ajudam na construção do meu conhecimento. Aos meus colegas e amigos de turma, que fizeram desses anos de graduação os melhores. E a todos que, de alguma forma, me acompanharam nesses 5 anos de faculdade.

Resumo

Este trabalho tem o intuito de verificar as formas com que professoras de Artes Marciais percebem as relações de gênero em suas aulas e como essa percepção orienta a sua prática pedagógica no ensino da luta, para a desnaturalização da subestimação do feminino e a superestimação do masculino nas Artes Marciais. Pressupondo que as lutas podem possibilitar, enquanto instituição social e desportiva, a formação de sujeitos que questionam preconceitos, podendo ampliar não apenas o conhecimento da motricidade, mas também a forma como o sujeito se apropria culturalmente desse saber, consideramos que as aulas de lutas possam propiciar aos(às) praticantes reconhecer que não há diferenças entre homens e mulheres, independentemente do âmbito em que os indivíduos se encontrem. A pesquisa proposta foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada aplicada a quatro professoras de Artes Marciais praticantes das modalidades Karatê, Kung Fu, Muay Tai e Judô, onde conseguimos verificar que todas elas usam ou já usaram métodos pedagógicos sobre gênero em suas aulas.

Palavras-chave: Gênero, Artes Marciais, aula, professoras.

Abstract

This research aims to verify the ways how martial arts female teachers perceive the gender relations in their classes and how this perception guides their pedagogical practice regarding the issues of the underestimation of the feminine and the overestimation of the masculine in the martial arts teaching. Assuming that fighting sports, as a social and sports institution, enable the development of people who question prejudice, being able to improve not only the knowledge of the motor skills but also the way how the subject culturally appropriates such knowledge, we considered that the fighting classes can provide its practitioners to recognize that there are no differences between men and women. The current research was carried out through a semi-structured interview applied to four martial arts female teachers of the modalities Karate, Kung Fu, Muay Tai and Judo, in which we were able to verify that all of them either use or have already used pedagogical methods about gender in their classes.

Keywords: Gender, Martial Arts, Class, Female teachers.

SUMÁRIO

1 – Introdução.....	7
2 - Corpo, gênero e práticas corporais	12
Capítulo 1- Estudos de gênero: Identidade Corporal.....	12
Capítulo 2- A feminilidade das mulheres no Japão, na China e na Tailândia.....	17
Capítulo 3- Inserção/ relação das mulheres nas Artes Marciais	21
3 – Sujeitos e Método	23
3.1 - Análise dos dados.....	26
3.1.1 Transgredindo no Tatame	26
3.1.2 “Se fosse por ele, hoje eu não estaria aqui”.....	26
3.1.3 “Se eu fosse depender dos meus pais para me levarem ou me buscarem, eu nem teria começado”	27
3.1.4 “Pouquíssimas meninas, a luta em sim, ela é um esporte masculinizado”	28
3.1.5 “Meu pai teve duas filhas meninas, e ele queria um menino para ir com ele no futebol, então ele levava a gente no futebol...e depois passou a levar no Judô”	29
4 - De praticantes a professoras de Artes Marciais	31
4.1 “O respeito vem do conhecimento”	31
4.1 “Cadê o tio?”	32
4.2 “Quem essa menina pensa que é. Mulher. O que ela acha, eu dou uma surra nela”	33
4.3 ““Ele olha e fala: “Aí, o treino é forte?” ... “Tem outra pessoa que também dá aula?””	34
4.4 As metodologias pedagógicas interligadas ao gênero e às Artes Marciais	36
5 - Considerações finais.....	39
Referências	41

1 – Introdução

O esporte é um dos fenômenos culturais mais significativos, pois por meio dele é concebível disseminar novos valores, ou, reafirmar antigas normatizações (FERNANDES, GOELLNER, GRESPAN, MOURÃO, 2014). Sendo um espaço onde também se reproduz representações da masculinidade e da feminilidade que são inscritas nos corpos (ADELMAN, 2007). As lutas e as Artes Marciais, foram historicamente caracterizadas como território de restrição masculina, classificadas como práticas esportivas agressivas e de exercício da masculinidade (ELIAS, 1992). Para Souza e Altmann (1999) os esportes competitivos, brutos e que possuam contato físico são distinguidos tradicionalmente como um meio de transformar um menino em homem, expandindo sua virilidade, sua masculinidade, sua capacidade de desprezar a dor e seu controle do corpo. Deste modo, as mulheres nem sempre estiveram inseridas dentro de alguns esportes, principalmente nos de contato físico, lutas e Artes marciais, pois as que tentavam se aventurar na prática eram rotuladas de masculinas, sofrendo assim um forte preconceito social, tanto por parte dos homens como de outras mulheres (MOURÃO, 2002).

No texto que compõe a coletânea de Vigarello (2013) sobre a virilidade, referente aos séculos XX e XXI, onde relata que a prática esportiva feminina foi circunscrita, nesse período, em ginástica rítmica com dança, gincanas diversas e jogos diversos, contando com poucas praticantes e numerosas proibições. Trabalhando com o mesmo período histórico, para Pierre de Coubertin (1908 *apud* VIGARELO, 2013), citando a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos, indaga que naquele contexto apresentar a mulher a um espetáculo seria “ambíguo”, pois assim como submetê-la a “excessivos” esforços físicos, expô-la à brutalidade, afirmando que seria “perigoso” ou até mesmo “monstruoso” colocá-la em situação de pressão nas competições. Termos confirmados por higienistas que mediocrizam a mulher no âmbito esportivo, os quais colocavam uma vigilância excessiva, debatendo que as mesmas demonstram uma ausência, e tais ausências criam uma “verdadeira incapacidade para os esportes” (HÉRICOURT, 1919, p.66 *apud* VIGARELLO, 2013, p279).

A virilidade, considerada ao longo do tempo como a excelência no esporte, perde destaque com a inserção da mulher nessa área, na qual é esperado das mesmas o

“padrão de valores” associado ao masculino, como engajamento, coragem, força, determinação, entre outros (VIGARELO, 2013). Surgindo nesse contexto um revés da antiga excelência viril, abrindo espaço para uma divisão idêntica entre os sexos, nova distribuição de tarefas, desajustando a imagem de virtude “máxima”, antes dirigida apenas ao sexo masculino e se “desfazendo” a expressão do viril (VIGARELO, 2013).

Esse revés se deu em muitos âmbitos esportivos, inclusive no das Artes Marciais, área que é enfocada pela presente pesquisa, na qual tem o intuito de verificar as relações de gênero em aulas de Artes Marciais ministradas por professoras. Apesar da grande variedade de esportes de combate em que houve e há grande ênfase feminina, iremos destacar para esse presente estudo os contextos do Judô, do Karatê, do Kung fu¹ e do Muay Thai. Pois daremos enfoque nas Artes Marciais e não nas lutas, pois pretende-se dialogar com o processo tradicionalista dessas, compostas de filosofias, símbolos, condutas, vestimentas e comportamentos específicos.

As Artes Marciais selecionadas para esta pesquisa são de origem oriental e caracterizadas como disciplinadoras. Por volta de 1970, quando começaram a se difundirem no Brasil, tinham como finalidade o ensino da arte e da tradição (PAES, 2010). Tais práticas, ao longo do tempo, foram se modificando aos padrões ocidentais e passaram a contemplar novas manifestações, assim como regências de aulas em academias de ginástica e os confrontos em competições esportivas, buscando a conquista de resultados e títulos, deixando, desta forma, de ser Arte Marcial e passando a reestruturar-se como esporte (PAES, 2010).

Deste modo, as lutas corporais caracterizara-se como esporte, podendo este processo ser compreendido segundo Paes (2010) como um empobrecimento das Artes Marciais, pois tendeu-se a priorizar a busca por vitórias em detrimento da preservação das tradições orientais, do respeito que delas provem e dos valores de disciplina (PAES, 2010). Paes (2010) ainda expõe que há riscos no tratamento da luta como esporte, principalmente quando se tem compreensão reduzida a respeito do esporte, limitando-o em alguns aspectos, como aspectos metodológicos de treino e em objetivos do esporte

¹ O termo Kung fu (Gongfu) é utilizado neste estudo, ao invés de Wushu (Arte Marcial), pois a nomenclatura Kung fu nesta pesquisa está designando ao kung fu nacional específico da cultura chinesa, e não ao Wushu que engloba todas as Artes Marciais, logo, fazendo referência ao termo Kuoshu (Arte Nacional).

profissional. Por tais motivos foram selecionadas as Artes Marciais para discorrer nesta pesquisa, não utilizaremos o termo “modalidade esportiva” assim como citado por Antunes (2016), pois acreditamos que tal terminologia assim como citado por Paes (2010) seja limitado a área na qual o presente estudo pretende discorrer, desta forma utilizaremos dos termos “Artes Marciais, Lutas e lutas corporais”, assim como nomeados por autores que dissertam sobre a pedagogia das lutas. As modalidades foram selecionadas devido a artigos encontrados na área e por termos localizado professoras voluntárias nestas mesmas áreas.

Embora as Artes Marciais orientais sempre tenham ressaltado o respeito e a conduta exemplar que um praticante deveria ter com outro, em seu contexto excluía as mulheres, pois tal respeito e conduta não eram transmitidos pelos praticantes além do ambiente de prática da arte (SILVA, 1994). No Muay Thai, por exemplo, as mulheres eram proibidas até mesmo de assistir às lutas nos ginásios na Tailândia - local de origem da modalidade, onde os combates aconteciam, pois acreditava-se que elas trariam má sorte aos lutadores. Nos dias de hoje, há a permanência de diversos locais em que elas não podem treinar, e outros nos quais treinam em ringues separados dos homens (MOLINERO, STILBEN, TELLES, 2010). Por decorrência da escassez de matérias, não se sabe ao certo qual o ano da inserção da mulher no Muay Tai no Brasil. Porém, segundo Molinero, Stilben e Telles (2010), em suas pesquisas constatou-se a existência de praticantes por volta de 1983 na cidade do Rio de Janeiro.

No Japão, local de origem do Karatê e do Judô, o preconceito e as tradições machistas também encontravam se embutidas nessas Artes Marciais. No Karatê, o espaço para práticas e competições apenas foi alcançado pelas mulheres em 1985 no Brasil, por meio de suas reivindicações. A inserção feminina nessa Arte Marcial possibilitou que o primeiro atleta brasileiro a conquistar o título mundial, fosse uma mulher (KANASHIRO, 2008).

No Judô, o criador da modalidade Jigoro Kano (1860-1936), no Japão, começou a ensinar, por volta de 1893, um grupo de mulheres, inicialmente de forma não oficial. Porém no período inicial dessa atividade feminina, as mesmas praticavam apenas Katas (movimentos sem contato físico), pois o Randori (troca de movimentos simulando lutas) e as competições continuavam sendo proibidos. Essas mulheres praticantes do Judô eram submetidas a exames físicos gerais, garantindo que não havia

ocorrido nenhuma alteração da sua integridade física (MOLINERO, STILBEN, TELLES, 2010).

De origem chinesa, no Kung fu as mulheres praticavam a modalidade escondidas (FERRAZ, 2002), e em algumas províncias começava-se a ganhar novas praticantes da arte, porém por influência e implementação dos valores do confucionismo, no século II, durando aproximadamente dois mil anos até o século XX, a prática regrediu aos valores machistas (RATTI, 2006).

A prática esportiva para mulheres no Brasil recebe regulamentação em 1941, pelo Decreto-lei número 3.199, deliberado no dia 14 de abril de 1941, que em seu Artigo 54 determinava que:

Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país [...] Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball (BRASIL, 1941).

Dessa maneira, uma barreira ideológica e cultural era afirmada por lei, que apenas ressaltava os obstáculos entre os gêneros, perante o esporte, proibindo às mulheres a participação em diversas modalidades esportivas, dentre elas as lutas. Essa Lei foi revogada apenas no ano de 1965, tornando-se permitidas tais práticas.

Com este estudo, pretende-se verificar as formas com que professoras de Artes Marciais percebem as relações de gênero em suas aulas e como essa percepção orienta a sua prática pedagógica no ensino da luta, para a desnaturalização da subestimação do feminino e a superestimação do masculino nas Artes Marciais. Dessa forma, intencionamos contribuir academicamente com questões relativas ao gênero, relacionando-as à Educação Física e ao âmbito da prática das lutas, possibilitando a compreensão pedagógica das Artes Marciais em perspectiva que considera que o gênero é socialmente construído (BUTLER, 2005), desmistificando noções que consideram que tais diferenças são congênitas e decorrentes de razões biológicas (BUTLER, 2005).

Partindo deste contexto, foram realizadas entrevistas com quatro professoras de Artes Marciais, das modalidades Judô, o Karatê, o Kung fu e o Muay Thai, com o intuito de investigar como essas professoras lidam com as relações de gênero durante

suas aulas. Se caso tais questões aparecem de alguma forma em suas trajetórias e na organização de suas aulas e se caso há uma preocupação diferenciada no ensino da luta para meninos e meninas.

No primeiro capítulo deste trabalho, procurou-se realizar uma contextualização sobre o campo dos estudos de gênero relacionados com as noções de identidade e corpo, e considerando-os como influenciados culturalmente, desde a infância até a vida adulta. Apresentando neste contexto, uma revisão bibliográfica sobre a identidade de gênero e sua relação com a identidade do corpo. Buscou-se investigar quem e como eram as mulheres de cada país, referente à origem das Artes Marciais, sendo no Japão, Tailândia e na China; e como cada cultura influenciou na formação moral e ética. No próximo capítulo investigou-se como tais mulheres adentraram na prática de Artes Marciais, e como eram, ou são, representadas nos países de origens de cada Arte Marcial, buscando dialogar com iniciação das mesmas na Arte.

2 - Corpo, gênero e práticas corporais

Capítulo 1- Estudos de gênero: Identidade Corporal

As identidades de gênero e sexuais são concebidas por relações sociais, talhadas pelas redes de poder de uma sociedade, meio este onde os corpos ganham sentido socialmente, na conjuntura de uma determinada cultura (LOURO, 2000), adquirindo os símbolos, códigos e signos desta cultura (NEIRA e NUNES, 2007).

Os símbolos são criados e disseminados a todo momento, gerando manifestações, ações e transformando expressões corporais, tais como o brincar, o dançar, o lutar, a ginástica ou a prática de esportes, que também são colocadas como linguagens corporais nas quais se elaboram por constantes transformações, concebendo nos códigos de comunicação (NEIRA e NUNES, 2009). Tais códigos são produtores de significados nos diversos grupos culturais e nas manifestações corporais, as quais são compreendidas como base de uma linguagem corporal, de acordo com a cultura inserida.

Estes corpos são denominados como depositários de culturas, segundo Neira e Nunes (2009), pois nascem, vivem e se relacionam em conjunturas históricas e culturais específicas. Desta forma, deles proveem códigos (informações) visíveis ou não aos indivíduos originários a outras culturas. O conjunto de códigos como linguagem corporal é caracterizado como brincadeiras, danças, esportes e outras práticas corporais, em que estabelecem signos específicos, compreendendo desta maneira que os códigos são signos que se manifestam nos corpos de diferentes grupos culturais, nos quais são reconhecidos socialmente (NEIRA e NUNES, 2009).

O indivíduo, por viver em uma sociedade simbólica, quando se comunica abrange um grandioso repertório de signos embutidos na sua cultura, tais como alegria, tristeza, cansaço, raiva (NEIRA E NUNES, 2007), cicatrizes, lesões, rugas, tom de pele, tratamentos estéticos, formatos corporais, massa muscular, formas de sentar, andar, gesticular, entre outros, cujos significados são qualificados pelo grupo social atrelando diretamente ao modo de pensar e de agir, principalmente entre gêneros distintos (NEIRA E NUNES, 2007).

Na escola, um dos espaços em que essas diferenciações podem ser percebidas são as aulas de educação física. Classificações por aptidão de habilidades, desempenho diferenciado, incapacidade motora, fragilidade física, dentre outras, acompanham meninas pela sua fase de desenvolvimento -- seja na escola, em casa, na mídia ou nas redes sociais, isso revela-se como algo embutido, dizendo e mostrando que as mesmas são incapazes.

Na pesquisa desenvolvida por Altmann e Ayoub (2011, p. 491), analisou-se que, na concepção de professores(as) de Educação Física, meninos são mais habilidosos nas práticas esportivas e em jogos coletivos, enquanto grande parte das meninas não mostra ânimo e disposição nessas práticas, pois segundo a fala dos docentes da pesquisa citada, as meninas não desejam suar e preferem manter-se arrumadas.

Partindo da indagação de Butler (2003), *quando é que essa construção do gênero acontece*, a identidade é o efeito que se manifesta em um regime de diferenças, sendo a mesma performativamente constituída segundo Butler (2003), concepção essa que pode ser relacionada com a de Louro (2000), quando a mesma afirma que as identidades são definidas pelas relações sociais e moldadas através das redes de poder de uma sociedade. A escola, nesse sentido, mostra-se como um importante local nessa construção, onde as crianças começam a ter outras referências e vivências diferentes das que vivenciaram no âmbito familiar.

A separação do sexo/gênero é a base funcionalista da política feminista, e parte da ideia de que o sexo é natural e o gênero construído socialmente. O gênero e sexo são considerados nessa perspectiva como algo culturalmente construído, se distinguido da noção de sexo como naturalmente adquirido. Dessa forma, “desnaturalizando” o senso comum, no qual associa-se o feminino com fragilidade ou submissão, baseando-se nessas premissas para justificar preconceitos (BUTLER, 2003). A desnaturalização é uma forma de explicar a artificialidade de construções sociais como as noções de sexo e gênero, não consideradas nesta perspectiva, portanto, como naturais.

A construção do conceito gênero está associada à assimilação da necessidade de associar essa preocupação política a um melhor entendimento da maneira como o gênero atua em todas as sociedades, o que exige pensar de uma maneira mais complexa o poder (PISCITELLI, 2002). De acordo com Piscitelli (2002), as

diversas correntes do pensamento feminista afirmam a existência da subordinação feminina, mas contestam o suposto caráter natural dessa subordinação. Elas afirmam, ao contrário, que essa subordinação é subsequente das maneiras como a mulher é construída socialmente, sendo imprescindível essa perspectiva, pois a ideia subentendida é que aquilo que é construído pode ser modificado. Em vista disso, transformando as maneiras como as mulheres são percebidas, seria possível modificar o espaço social por elas ocupado.

Desta maneira, a estruturação social de gênero em determinada sociedade tende a implantar quais são os gestos e comportamentos adequados para o sexo masculino e o feminino, como o modo de andar, sentar e se comportar ditado pelos papéis sociais concedido a cada gênero. Sendo assim, segundo Piscitelli (2002), o pensamento feminista coloca reivindicações voltadas para a igualdade no exercício dos direitos, contestando, ao mesmo tempo, as raízes culturais destas desigualdades.

As práticas corporais que se tornam predominantes entre os sexos masculinos e outras entre o sexo feminino são uma das reivindicações estipuladas (PISCITELLI, 2002) onde vinculamos como exemplo as práticas de Artes Marciais esboçadas neste presente estudo.

O esporte é uma das instituições sociais que compõe um conjunto de regras e procedimentos padronizados, reconhecidos, sancionados e aceitos pela sociedade, inclusive por sua corporeidade, evidenciando-se as ideologias sobre o masculino e o feminino. As práticas esportivas são práticas sociais sexuadas, uma vez que homens e mulheres as exercem, mas também são generificadas e generificadoras, incorporando um importante espaço para estudos sobre a feminilidade e masculinidade (FERNANDES, GOELLNER, GRESPLAN, MOURÃO, 2015).

Historicamente, o homem também é classificado de bruto, forte, corajoso, musculatura visível, aventureiro, entre outras classificações primordiais para a virilidade, termo esse que ganha destaque cultural a partir do século XX, que tem a virilidade como o agente primordial (VIGARELLO, 2013). O esporte é visto desde então como um formador do homem viril, presumindo em compensação, com grande prioridade, o crescimento do músculo, do combate, do controle e do sangue-frio, segundo Vigarelo (2013).

Anúncios de encontros, imagens de músculos em luta, fotos de lutadores com peitos proeminentes, com caras marcadas por bigodes provocantes saturam as

páginas do jornal entre 1900 e 1910. A atitude dos lutadores com o torso inflado torna-se, aliás a pose adotada por todo desportista fotografado no início do século, a ponto de tornar-se um retrato obrigatório: braços nas costas, peito estufado, queixo levantado. A força deve ser vista, ou pelo menos imaginada, mesmo se o exercício não é a priori o símbolo [...] Até os ciclistas do Tour de France, logo no início do século XX, são descritos pelos jornalistas como seres dotados de força hercúlea: Garin, em 1904 era um “bulldog”, um “javali”, um “monstro no combate [...] (VIGARELLO, 2013, p.273 e 274).

As classificações nesse trecho mostram claramente como um homem viril deveria se portar, seja no âmbito competitivo ou para fotos, ganhando assim denominações diretamente ligadas à força, brutalidade e grandes habilidades esportivas. Essas características permanecem e persistem como modelos, os quais acompanham os meninos na sua formação ainda no século XXI, ditando dessa maneira como um homem deveria se portar e elevando a distinção entre os gêneros. Assim como citado por Altmann e Ayoub (2011, p. 496), as noções de gênero são subjetivadas por professores/as de Educação Física, que firmam que geralmente os meninos consideram as meninas incapazes ou sem habilidades para os jogos coletivos e os esportes, porém que a participação conjunta pode alterar essa realidade, segundo a fala dos docentes da pesquisa citada.

Os valores femininos que preparam as mulheres na metodologia de socialização por vezes são antagônicos e vão contra os códigos corporais transferidos pelo esporte, devido a tais valores estarem arraigados nesse processo de socialização (SALINAS, 2003). Os âmbitos educacional e familiar são os principais lugares que podem dificultar ou não um desenvolvimento corporal amplo, dependendo, neste caso, da construção social e cultural de tais instituições. Essas dificuldades, se promovidas, acarretarão na capacidade de desenvolvimento de meninas em determinado esporte, no qual suas habilidades serão menores devido a serem poupadas de algumas atividades físicas, vinculados a discursos sexistas que as definem como sexo frágil (MELLO, 2002). Essas barreiras limitam também meninos em outras atividades corporais, como atividades rítmicas ou que exijam expressões corporais diversificadas.

Os valores transferidos pelas instituições sociais que governam as regras da ludicidade de meninas e meninos tendem a ser transmitidos para as modalidades

esportivas, valores estes que são reafirmados em ambos os gêneros, ficando limitados a um número menor de modalidades. A investigação dessa situação na escola foi pesquisada por Altmann (1998) por meio da análise de relatos e observações, que identificou o esporte como um meio de meninos exercerem domínio do espaço na quadra da escola, e percebendo que as meninas resistiam a tal dominação masculina praticando outras atividades, como jogos musicados e pular corda - práticas essas que não são esportivas. As meninas conseguiam a conquista do espaço recorrendo a essas atividades e não à prática de futebol, por exemplo, o que exemplifica o fato do esporte - neste caso o futebol - ser um espaço masculino na escola. Perante esta análise feita pela autora, podemos vincular o desempenho de outras práticas corporais, assim como as Artes Marciais, nas quais também apresenta-se uma forte dominação masculina nos espaços onde são executadas.

As lutas e as Artes Marciais, no seu contexto amplo, foram historicamente estabelecidas como práticas agressivas, que construía e compunham o exercício da masculinidade, assim como outras modalidades ditas como não agressivas construía e incorporavam a feminilidade. Às mulheres, o esperado era que as mesmas usufruíssem do espetáculo esportivo, desde que não deixassem de lado a beleza e a graciosidade, atributos exigindo pela “essência feminina”. Com esta linha de pensamento, eram incentivadas à prática de atividades corporais que buscassem aprimorar, potencializar e evidenciar tais feminilidades, para compor com a beleza e graciosidade que também lhes concedessem gestualidade e comportamentos mais passivos, tornando-se, deste modo, um equívoco a passividade como um dado biológico das mulheres, e não considerando a educação destinada às meninas pela sociedade como algo relevante (FERNANDES, GOELLNER, GRESPAN, MOURÃO, 2015).

O gênero como uma categoria analítica recusa a noção de que o sexo anatômico é determinado na imposição das diferenças entre mulheres e homens, e sim que tais identidades são construídas socialmente e culturalmente. Considerando o “caráter relacional”, entendendo que mulheres e homens são definidos e diferenciados em relação ao outro, estabelecendo relações de poder (no sentido foucaultiano), o gênero é considerado “uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995).

A partir de Louro (2008), complementamos as ideias de Scott, afirmando que tal premissa se trata de um procedimento minucioso, sutil e sempre inacabado que acontece na trajetória da vida através de práticas explícitas ou dissimuladas que são instigadas pelas inúmeras instâncias e espaços sociais, que tem o poder de definir e inscrever nos corpos marcas e normas. Ainda correlacionando com os pensamentos de Scott (1995, p.86-87), a autora corrobora quatro elementos do gênero inter-relacionados, sendo eles: culturalmente disponíveis, que conjuram representações simbólicas; as concepções normativas, que colocam em evidência as compreensões do sentido dos símbolos; as organizações e instituições sociais e as identidades subjetivas.

Por conseguinte, Butler (2010) compõe que a base identitária do gênero é dada pela recorrência estilizada das ações através do tempo, como forma de subordinação da cultura. Desta maneira, as probabilidades de transformação se situam nas conexões arbitrárias entre os atos, nas oportunidades de outras formas de recorrência ou na quebra desta repetição subversiva desse estilo.

Capítulo 2- A feminilidade das mulheres no Japão, na China e na Tailândia

As Artes Marciais abordadas em nosso estudo têm sua origem em países como Japão, China e Tailândia, locais estes que sempre tiveram uma forte influência cultural com diversos símbolos, gestualidades, linguagens corporais, entre outros, inseridos em tais grupos culturais. Alguns estudos abordaram a(s) visão(ões) acerca das mulheres e das feminilidades nesses países, no decorrer da história, onde uma cultura socialmente construída era imposta às mesmas. Desta maneira, faremos uma breve abordagem dialogando o “ser mulher” nos respectivos países.

O período Nara, no Japão (645-794 D.C.), foi marcado pela diferenciação de gênero na vestimenta e a separação de hierarquias. O kimono carrega consigo elementos simbólicos importantes na construção do corpo feminino japonês, não apenas como um mecanismo que enfatiza significados aparentes, mas também compõe uma ação comunicativa em seu modo de organização e evolução. Além do incômodo e do desconforto da vestimenta, ela também restringia o corpo, impondo rígidos padrões

tradicionais, limitando a gestualidade, moldando diferenças entre gênero, etiqueta corporal e encapsulando pela vestimenta códigos comportamentais aprendidos ao longo do trajeto histórico e tradicional (SAITO, 2009).

A vestimenta feminina apenas foi alterada na era Meiji (1868-1912), ocorrendo uma resignificação destes corpos, liberando os movimentos (SAITO, 2009). Assim, a figura feminina deveria se adequar à nova mudança, porém sem perder a simbologia da sua feminilidade, mantendo os deveres de uma boa esposa e mãe sábia, segundo Isotani (2016).

Na interpretação japonesa sobre a posição da mulher, não é de subordinação em relação ao homem, pois perante o governo ambos os gêneros eram considerados iguais, mas com direitos e deveres diferentes a cada grupo, tirando desta forma a individualidade do sujeito único em prestígio ao coletivo, sendo a mulher pertencente apenas à esfera doméstica, cumprindo a função de mãe, esposa e dona de casa, e o homem pertencente ao espaço público, saindo de casa para sustentar o lar. Desta maneira, as meninas desde novas frequentavam escolas direcionadas apenas para elas, com ensinamento tendo o objetivo de preparar boas mães para que as mesmas pudessem instruir seus futuros filhos com os saberes do Estado. A elas eram ensinados matemática básica, história, língua japonesa, administração doméstica, entre outras - todas as matérias voltadas para o lar (ISOTANI, 2016).

Por consequência, as meninas se limitavam a construir sua própria identidade e a liberdade discursiva, aprisionando-se intelectualmente e fisicamente no âmbito de sua casa, elaborando a ideia de perfeição na qual cada mulher deveria atingir, descrita nas guias de conduta feminina, condições estas que quase as aprisionavam pela condição biológica devido à coletividade obrigatória, afirmando a feminilidade como sinônimo de conduta, aparência e de posicionamentos sociais predeterminados (ISOTANI, 2016).

Na China, no período do Confucionismo, a mulher não necessitava ter talento algum, pois ter nascido sem ele era uma virtude, ou seja, a mulher neste contexto, era vista apenas como um apetrecho de uso masculino. Essa concepção é apresentada e entendida através dos poucos documentos encontrados sobre as mulheres chinesas, expresso no livro “As boas mulheres da China”, escrito por Xinran (2003). Para esta pesquisa, o único estudo encontrado foi o livro citado acima e algumas

releituras do mesmo texto. O livro baseia-se em entrevistas, feitas pela própria autora, com mulheres chinesas em diferentes contextos, dando ênfase à vida dessas mulheres após a Revolução Cultural.

Com a Revolução Comunista, buscou-se oferecer mais liberdade e igualdade de direito às mulheres chinesas, decorrente do Movimento de Libertação da Mulher na China (1949 a 1976). O MLMC decorreu de uma extensa batalha pela autoafirmação perante a sociedade, a família, contra o patriarcado, pelo voto feminino, pela escolha dos parceiros, pelo divórcio e pelo direito de propriedade, que teve sustento pelo Partido Comunista Chinês, na luta pela transformação social. O primeiro estágio da Revolução socialista descrito por Mao Tsetung foi a promulgação da Lei do Matrimônio, que foi alcançado pelas lutas feministas, explicados no artigo 1º:

“Fica abolido o sistema de matrimônio feudal arbitrário e compulsório, baseado na superioridade do homem sobre a mulher, e que ignora os interesses dos filhos. O “Novo Sistema Democrático de Matrimônio” baseado na livre escolha de parceiros, na monogamia, nos direitos iguais para ambos os sexos e na proteção dos interesses legais de mulher e crianças entrará em vigor” (XINRAN, 2003).

Abrindo outros espaços para as mulheres, que passaram a se organizar no campo e a ingressar no serviço militar, ocupando cargos mais elevados, como Ministério da Justiça e Ministério da Saúde Pública, as mulheres chinesas a partir disso começaram a fazer os mesmos serviços que os homens, onde a maioria alcançou a independência econômica (XINRAN, 2003).

Em um dos capítulos do livro denominado “A mulher cujo casamento foi arranjado pela Revolução” (XINRAN, 2003), a autora relata a história de vida de uma mulher que se afiliou ao Partido Comunista para participar da Revolução para demonstrar que não era mais uma garota comum. Relata que no Partido mulheres e homens usavam a mesma vestimenta e poucas mulheres eram valorizadas apenas pela leveza de espírito e pela beleza. Segundo esta mulher, ela um dia foi chamada por um dos líderes, no qual lhe perguntou se ela seria capaz de realizar qualquer missão pelo Partido. A mesma respondeu afirmativamente e logo em seguida foi acompanhada por oficiais, onde conheceu um oficial de alta patente, o qual lhe informou que ela seria sua secretária, porém a realidade era que sua missão era se casar com o oficial para que o mesmo pudesse atingir um cargo mais alto, vivendo a partir de então como um simples

implemento decorativo, passando a ser dominada pelo marido, afastada da educação dos filhos pelo Partido, filhos estes que depois de crescidos assumiram a posição de dominação do pai em relação à mãe, subjungando e a humilhando, mostrando, desta maneira, a quebra com o ideal de igualdade pregado.

Não diferente das mulheres chinesas e japonesas, sobre as mulheres tailandesas também foram encontrados poucos estudos ou fontes que relatassem sobre elas.

As mulheres tailandesas, não diferenciando muito da chinesa e da japonesa, são vistas para servir, principalmente sendo um dos princípios seguido na religião, porém tais costumes podem avançar para além dos patamares da religião. A vida religiosa da mulher tailandesa resulta ser pobre quando comparada a dos homens, pois segundo suas crenças elas são quem precisam alcançar maior “mérito” (DE ARRUDA, 1998).

Classificadas como seres espirituais inferiores, ditada pela religião budista, torna-se dever delas exercer as funções menos valorizadas socialmente, nas questões econômicas e domésticas, sendo responsável por preservar os interesses da prole e os seus próprios, garantindo o direito de propriedade, tomando como algo lógico que se as mulheres praticam algum ato pecador, tal ato não é visto como tão danoso, pois afinal é o que se espera delas. Já os homens são destinados à vida religiosa, funções militares e à política, sendo essas funções consideradas mais nobres segundo a cultura tailandesa (DE ARRUDA, 1998).

A modernização das práticas sociais e econômicas é um marcador determinante para o aumento da frequência das mulheres no mercado de trabalho, adjunto de uma acelerada urbanização, que paulatinamente tem diminuído o poder patriarcal e aumentado a liberdade relativa dos jovens casais e dos filhos, mesmo as relações hierárquicas perdurando nos grupos familiares em geral. Uma das estratégias do governo tailandês para incrementar o rendimento per capita do crescimento econômico é através do turismo, porém a estratégia para impulsionar é a atratividade física e o fascínio sexual das mulheres tailandesas (FERNANDES, ARAÚJO, 2013).

A imagem moderna da mulher tailandesa, propicia às jovens mudarem para os centros urbanos como Bangucoque. Iludidas com a utopia de empregos que irão garantir o seu sustendo e da família, buscam a prostituição como uma opção rápida e

lucrativa. Tal marketing da mulher moderna se torna um atrativo fácil à maior mercantilização do corpo feminino (FERNANDES, ARAÚJO, 2013).

Capítulo 3- Inserção/ relação das mulheres nas Artes Marciais

O esporte foi e ainda é caracterizado como uma forma de expressão dos conflitos e oportunidades existentes em uma sociedade. Assim como foi descrito nos tópicos anteriores, as possibilidades que norteavam as mulheres, sendo no Japão, na Tailândia, na China ou até mesmo no Brasil, eram muito restritas, sendo reservado a elas o papel de procriar e cuidar dos filhos. Apesar de, na época atual, nos países denominados a cima tais conceitos já não oprimirem tanto as mulheres, no contexto esportivo inúmeros preconceitos ainda delimitam as mulheres praticantes de algum esporte. Tomamos por base a educação que ainda hoje é distinta em vários lugares entre meninas e meninos em relação às práticas corporais.

As Artes Marciais, assim como em outras atividades físicas, é corrompida por uma divisão generificada em “feminino” e “masculino”, ainda classificada como esportes de cunho masculino, pois segundo Souza e Altmann (1999), os esportes competitivos, com contato físico, violentos, são denominados como uma forma de transformar o menino em homem, ampliando a sua masculinidade, virilidade, capacidade de menosprezar a dor, gerenciamento de seu corpo e vontade de ganhar. Interligando com Mourão (2002), a prática de tais esportes por mulheres rotulados como masculinos é alvo de preconceitos tanto por homens quanto por mulheres.

Segundo Araujo e Alvarenga (2010), no universo das Artes Marciais se tornou habitual no imaginário popular o evidenciamento do homem como o elemento ativo de um parâmetro condutor de todas as práticas corporais, pois os autores afirmam que, ao analisar um contexto sócio histórico em que diferentes Artes Marciais foram desenvolvidas, se torna frequente encontrar um modelo de sociedade patriarcal de submissão da mulher.

Desta maneira, considera-se que não é inserção feminina no âmbito das lutas que perturba o sexo masculino, e sim a possibilidade da inversão da hierarquização imposta pela heteronormatividade compulsória (LOURO, 2001) e sexista, alterando

assim a imagem não mais vista como delicada e fraca, e sim como uma “lutadora”, não apenas nas práticas corporais e sim também na igualdade aos homens na sociedade.

Ao que se remete aos estudos sobre a mulher no campo das Artes Marciais, notou-se que não há muitos estudos abrangendo o sexo feminino e a prática dessas modalidades, e sim discussões e pesquisas abrangendo o gênero em contexto mais amplo.

Em pesquisa bibliográfica realizada nas plataformas Sistema de Bibliotecas da Unicamp – SBU, Capes, Scielo, Web of Science e Pubmed, procurou-se auferir os resultados a partir das seguintes palavras-chave: “professoras de artes marciais”; “artes marciais” e “gênero”; “mulher” e “arte marcial”; “lutas” e “artes marciais” e “mulheres”; “gênero” e “lutas” e “artes marciais”; “artes marciais” e “meninas”; “mulheres” e “judô” e “gênero”; “mulheres” e “karatê” e “gênero”; “mulheres” e “kung fu” e “gênero”; “mulheres” e “muay tai” e “gênero”. Sendo que para cada uma dessas buscas foram encontrados os seguintes resultados:

Quadro 1 – Resultado de pesquisa em Plataformas

Palavras Chave	Resultados	Relacionado com as Artes Marciais
Professoras de Artes Marciais	2	0
Artes Marciais e Gênero	22	2
Mulher e Arte Marcial	31	0
Lutas e Artes Marciais e Mulheres	26	1
Gênero e Lutas e Artes Marciais	41	1
Artes Marciais e Meninas	9	1
Mulheres e Judô e Gênero	2	2
Mulheres e Karatê e Gênero	43	5
Mulheres e Kung Fu e Gênero	5	0
Mulheres e Muay Tai e Gênero	4	0

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Assim como descrito no Quadro 1, na pesquisa realizada a partir dos diferentes descritores elencados, os artigos encontrados sobre mulheres relacionados a

Artes Marciais foram poucos, e em alguns resultados de palavras chaves distintas os artigos se repetiram. Não foram encontrados muitos artigos específicos sobre mulheres regendo aulas de Artes Marciais, que é o foco desta pesquisa. Os trabalhos encontrados relevantes para essa pesquisa foram: “Rosicleia Campos no judô feminino brasileiro”, de Souza, Votre e Pinheiro (2015); “A relação entre as Artes Marciais e lutas das academias e as disciplinas de lutas dos cursos de graduação em Educação Física”, de Antunes (2009); “A simbologia presente nos estilos de Karate-Dō”, de Lopes Filho e Monteiro (2015); “Karate-do: da arte marcial ao esporte”, de Kanashiro (2008); “A inserção da mulher na arte marcial: o caso do kung fu”, de Ferraz e Almeida (2012), nos quais tais resultados encontrados se repetiram mais de duas vezes, em diferentes termos procurados.

Porém de maneira menos sistemática foram encontrados outros trabalhos, com enfoque maior em outras lutas, que serão utilizados como referência, respeitando os limites da pesquisa, devido a diferença entre Artes Marciais e outras modalidades de lutas.

3 – Sujeitos e Método

Os sujeitos da pesquisa são professoras de Artes Marciais que atuam ministrando aulas na região metropolitana de Campinas-SP. Dentre as Artes Marciais, foram selecionadas quatro estilos distintos, sendo eles Kung Fu, Judô, Karate e Muay Thai, com o intuito de analisar se há distinção nas trajetórias e nas metodologias utilizadas em aulas de Artes Marciais ministradas por mulheres.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro professoras, nas quais tiveram duração de 30 a 25 minutos cada entrevista, sendo uma entrevista com uma professora de cada modalidade, com o propósito de verificar como elas percebem as relações de gênero nas aulas de Artes Marciais e como essa percepção influencia no planejamento das aulas².

² O presente projeto passou por análise com o número de aprovação CAAE: 69183817.4.0000.5404.

As professoras entrevistadas foram selecionadas a partir de pesquisa na internet entre pessoas praticantes das modalidades e entre praticantes da Universidade Estadual de Campinas. Segue abaixo o perfil das entrevistadas, conforme selecionadas:

Quadro 2- Perfil das Professoras Entrevistadas

Modalidade	Sexo	Idade	Gradação	Tempo de Prática (em anos)
Karatê	F	27	Faixa Preta Segundo Dan	14
Kung Fu	F	29	Faixa Preta	14
Muay Tai	F	37	Prajied Preto	20
Judô	F	39	Faixa Preta Quinto Dan	31

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Como nota-se no Quadro 2 acima, percebe-se que as participantes compõem uma faixa etária de 27 anos de idade a 39 anos de idade, com o tempo de prática acima do esperado, variando de 14 anos a 31 anos de prática da Arte, sendo que todas eram graduadas em suas respectivas modalidades.

Um dos critérios de inclusão foi a experiência em regência de aulas de Artes Marciais há mais de dois anos e terem ou estarem atuando como professoras ministrando aulas para ambos os sexos, sendo os(as) praticantes crianças, jovens, adultos ou idosos.

Os contatos foram realizados por intermédio de redes sociais e aplicativos de comunicação. Em algumas modalidades houve maior facilidade em se encontrar as professoras, tais como o Judô e o Karatê, provavelmente por serem Artes Marciais com maior difusão em nosso país, devido à imigração japonesa em 1908, estendendo-se por todo o século XX, ocorrendo do acordo entre Brasil e Japão (LOURENÇÃO, 20015). No Judô houveram quatro professoras encontradas, com os critérios acima, e de Karatê duas professoras, onde os parâmetros de seleção foram o maior tempo de prática. Já no

Kung fu e no Muay Thai, foram encontradas apenas uma professora de cada modalidade com os critérios necessários.

A pesquisa fundamentar-se-á na metodologia qualitativa, abordando um possível problema de generalização, facultando as interpretações das relações de coexistência. Segundo Silva e Molina (2014), a análise qualitativa dos acontecimentos, como meio de produzir conhecimento, busca compreender e interpretar os sentidos, as representações, os significados, as manifestações que os sujeitos incorporam e aos quais são submetidos na conjuntura em que se efetuam.

Ao iniciar uma relação de entrevista, segundo Bourdieu (2008), primeiramente é necessário tentar conhecer as consequências que podem ser produzidas sem o conhecimento de intrusão no princípio de troca. Com a intenção de ponderar a amplitude e a distância entre o propósito da pesquisa, assim como compreendida e interpretada pelo pesquisado, tomando essa finalidade base para que o pesquisador tente reduzir as distorções que dela resultam. Tais premissas, em relação à entrevista, empenha-nos a conter o máximo a violência simbólica que possa se praticar através dele, buscando desta forma, construir uma relação de escuta ativa e metódica.

3.1 - Análise dos dados

3.1.1 Transgredindo no Tatame

A entrevista semi-estruturada realizada com as participantes teve como uma das questões analisar como as mesmas iniciaram a sua trajetória dentro das Artes Marciais.

Notou-se que todas as quatro professoras já possuíam experiências em alguma prática corporal antes de iniciar na Arte Marcial que ensina atualmente. A professora de Kung fu (PKF), por exemplo, relatou já ter praticado body combat e atividades aeróbicas; a professora de Karatê (PK) afirma que começou com o futebol e a capoeira; já a professora de Muay Tai (PMT) iniciou sua primeira prática corporal com o Kung fu e a professora de Judô (PJ) praticou Jazz, conciliando a prática do Judô e do Jazz durante oito anos.

Para as professoras que colaboraram para esta pesquisa, a iniciação nas Artes Marciais atribui-se pelo apoio de pessoas próximas, as quais as incentivavam na prática da arte.

3.1.2 “Se fosse por ele, hoje eu não estaria aqui”

Na narrativa da PKF, o interesse pelo Kung Fu surgiu ao assistir uma apresentação de Dança do Leão. Incentivada pela irmã, a PKF se dispôs a assistir uma aula do sobrinho, que iniciava na modalidade. Relata que depois de algum tempo ela continuou e o sobrinho saiu, se tornando a única do grupo de 50 alunos a se graduar em faixa preta.

Na academia na qual a possibilitou conhecer e se apaixonar pela arte, e onde a PKF ainda pratica, no início haviam apenas homens praticando, mas ao longo dos anos algumas mulheres começaram a praticar, dando início a turmas de crianças e idosos também. No princípio da entrada da mesma, ela relata que já haviam mulheres, porém poucas com diferentes níveis de graduação, assim como haviam também crianças e idosos praticando, onde a academia propiciava uma filosofia diferente das outras

academias, a de inclusão social. Em seus primeiros meses de prática ela narra que não sentiu dificuldade na aprendizagem da movimentação ou dos golpes, pelo contrário, ela afirma que sentiu facilidade por gostar e se identificar, se empenhando nos treinos. Em momento algum ao seu período de prática ela se recorda de ter tido algum momento no qual não se sentiu incluída; na troca de técnicas com homens era uma vez ou outra que ela sentia algo de diferente na movimentação, e relata que às vezes ela dizia: “Pode ir mais, pode soltar mais”.

Afirma que durante todos os seus anos de prática, nunca pensou em parar. Mesmo com uma lesão no joelho, nunca se sentiu desmotivada. O apoio de sua irmã e de sua família sempre a incentivou muito, porém recorda-se que se o seu pai, hoje falecido, estivesse presente na época que ela sentiu interesse na prática, ela nunca teria iniciado, pois segundo ela, seu pai era uma pessoa que classificava diferenças entre homens e mulheres, onde a PKF denomina de “pensamentos passados” quando relata que “se fosse por ele, hoje eu não estaria aqui”.

3.1.3 “Se eu fosse depender dos meus pais para me levarem ou me buscarem, eu nem teria começado”

A PK relata que, por influência de amigos que já praticavam capoeira em uma associação que também oferecia aulas de karatê, se interessou por fazer aula, e fez uma aula de cada modalidade (capoeira e karatê) para ver com qual se identificava mais. Apesar de iniciar em outros esportes como o futebol, a mesma permaneceu apenas na prática do Karatê. No começo da sua prática, a PK narra que sempre se dirigia aos treinos sozinha, pois a mãe não gostava muito, e discorre afirmando que “Se eu fosse depender dos meus pais para me levarem ou me buscarem, eu nem teria começado... o meu pai nunca pagou Arte Marcial para mim, foi eu que sempre fui atrás”. Desta forma, o pagamento das aulas era realizado pela sua irmã. Apenas após certo tempo de prática foi que seu pai começou a acompanhá-la, porém até então o incentivo que mantinha a frequência nas aulas vinha dos amigos e do professor.

Na associação onde ela praticou o Karatê, haviam muito mais meninas do que meninos praticando a modalidade, também praticavam mães e filhos, proporcionando um ambiente familiar. Ao primeiro contato com a arte e o ambiente

marcial, a PK afirma que sentiu dificuldade devido a sua timidez, porém ao decorrer da prática afirma que a mesma a ajudou a melhorar bastante e deixou de ser “bicho do mato”. Significativamente o seu comportamento começou a melhorar no ambiente familiar, assim como suas notas na escola.

A sua dedicação às aulas a fazia treinar mais e buscava, segundo relato da PK, treinar igual aos meninos para conseguir se igualar a eles. Havia preocupação com as meninas por parte do professor que, segundo sua narrativa, dizia: “Cuidado com as meninas... cuidado para não dar um soco muito forte”. Porém, em momento algum ela se sentiu mal com tais cuidados. Nos seus treinos, ela afirma, que sempre preferiu que os meninos não lutassem controlando a força, discorrendo que dizia: “Faz de conta que eu sou um homem”, pois a mesma almejava se preparar mais para os campeonatos.

3.1.4 “Pouquíssimas meninas, a luta em sim, ela é um esporte masculinizado”

Seguindo os conselhos de um médico, a mãe da PMT procurou uma atividade física para que a mesma pudesse gastar mais energia. Próximo à casa da PMT, havia uma academia de Kung Fu, na qual ela começou a praticar, e continuou até se graduar faixa preta, iniciando nesta modalidade com nove anos de idade e permanecendo até os 17 anos de idade, período este que decidiu por migrar dessa modalidade para o Muay Tai, devido à busca por uma modalidade que tivesse maior contato físico.

O ingresso na modalidade se processou sem dificuldades, devido às experiências das práticas corporais anteriores. Mesmo em um ambiente com mais homens, ela não se sentiu incomodada, acreditando, por ter crescido neste meio, que se sentia confortável e inclusa, gerando uma relação de respeito entre os mesmos durante a troca de técnicas, com os homens também praticantes desta modalidade.

O processo de conquista da graduação não foi desde o início, ela relata que não entrou como iniciante como os demais, por já possuir grande experiências em outra Arte Marcial, realizando neste tempo apenas três exames para a graduação. A graduação da preta, foi conquista após a PMT ter disputado o Campeonato Brasileiro Profissional de Muay Tai. Após a conquista do título, seu professor, ainda dentro do ringue, a entregou o prajied preto.

3.1.5 “Meu pai teve duas filhas meninas, e ele queria um menino para ir com ele no futebol, então ele levava a gente no futebol...e depois passou a levar no Judô”

Em seu depoimento, a PJ relata que a prática do judô deu-se início por incentivo das amigas que praticavam Jazz com ela. Relata que foi porque queria fazer “bagunça” com as outras crianças, com o intuito de apenas diversão. Com a mudança de professor, os alunos que apenas queriam “bagunça” acabaram saindo, segundo a PJ, pois o novo professor era mais exigente, e acabou ficando quem realmente gostava da arte. A paixão pela modalidade veio através da questão simbólica das lutas, de acordo com ela, pelas regras e responsabilidades, que a arte proporciona.

A escolha entre o Jazz e o Judô, veio aos 16 anos de idade, quando a PJ já participava de competições e os treinos começaram a ficar mais intensos, e com a convocação para a seleção de Campinas, ela acabou tendo que optar por uma das atividades.

No clube no qual ela praticava a Arte Marcial, haviam mais meninos do que meninas, mais quando comparado aos outros estabelecimentos de prática do Judô, sempre teve um número de meninas superiores aos demais, se tornando uma exceção pois segundo a PJ o Clube que ela treinou sempre teve uma equipe feminina muito forte. As suas amigas que iniciaram a prática junto com ela, nenhuma continuou a prática ou como ela mesma disse: “eu sou a única sobrevivente”, afirmando que uma das possibilidades deve ter sido pelas escolhas e caminhos distintos que as levaram a se distanciar da arte, principalmente com o ingresso na faculdade segundo PJ, pois narra que ela sempre teve certeza que queria se formar em Educação Física, devido ao Judô.

Durante os treinos relembra que nunca teve dificuldades com a movimentação, apenas sentia diferença na troca de técnica com os homens quando se referia a força e peso, devido a mesma pesar em sua época de competição 48kg, afirmando que era muito leve; mesmo assim quando ela lutava dentro da academia dela era “tranquilo” ela conseguia trocar técnicas de “igual para igual”. Nesses anos de prática ela recorda que nunca pensou em parar de praticar, mesmo após uma lesão no joelho aos 20 anos de idade; sempre contando com o apoio da família, vindos de sua mãe e de seu pai. “Meu pai teve duas filhas meninas, e ele queria um menino para ir

com ele no futebol, então ele levava a gente no futebol... e depois passou a levar no Judô” – narra, lembrando da importância do apoio dele, e que seu pai sempre gostou muito de esportes.

O treinamento intenso durante a sua trajetória sempre foi contínuo, onde a mesma se recorda que nunca teve férias, sendo o processo de graduação até a faixa preta algo natural.

4 - De praticantes a professoras de Artes Marciais

O desejo e o prazer de ensinar estiveram presentes nas quatro participantes desde quando eram praticantes das artes. Nas Artes Marciais, é de praxe o professor pedir o auxílio na regência de uma movimentação ou técnica durante as aulas para os alunos mais graduados e estar nessas situações já despertava nelas a satisfação por ensinar.

Tanto a PKF, a PJ e a PK foram motivadas por este desejo de ensinar a cursarem a faculdade de Educação Física, pois já tinham certeza do caminho que gostariam de seguir. Apenas a PMT, seguiu sua formação na área de Administração de Empresas/Recursos Humanos e começou a trabalhar nessa área. Durante algum tempo, ela teve que parar com a sua prática nas Artes Marciais para conseguir trabalhar e pagar a sua faculdade. Apenas após formada, devido à procura por ela como professora, ela decide deixar a sua formação e o trabalho em uma empresa, onde atuava na área da administração, e iniciou como professora de Artes Marciais. Segue o relato:

“Eu precisava trabalhar para ganhar dinheiro, foi onde eu parei e comecei a trabalhar em um hospital na parte administrativo, recebia um salário que dava para pagar a faculdade. Me formei em Administração de Empresas...nesse tempo muitas pessoas continuaram me procurando pelo meu histórico...e ai eu comecei a calcular que valeria a pena eu voltar a dar aula, mesmo trabalhando em uma empresa, mas pela procura, eu deixei a minha formação e voltei para área da luta”.

Dentre as quatro professoras, hoje três delas possuem academias próprias, as quais levam o seu nome como logotipo, demonstrando a sua importância na prática e no ensino das Artes Marciais.

Em seus relatos sobre a primeira aula na qual elas regeram sozinhas, sem o auxílio do professor, todas sentiram algum desconforto, desta forma serão abordadas essas experiências e suas metodologias pedagógicas aplicadas.

4.1 “O respeito vem do conhecimento”

As inseguranças e o medo de errar algo estiveram presentes em sua primeira aula, no dizer da PKF. Apesar das turmas serem iniciantes e de crianças, a sensação foi inevitável, porém a mesma procurou manter a calma e não demonstrar para os alunos.

Com a experiência adquirida nos anos de regência, ela afirma que geralmente quando um homem começa a praticar, é percebido pela mesma o estranhamento por ser mulher professora, mas relata que ao longo das aulas ela tenta ganhar a confiança do mesmo. A metodologia usada por ela nesses casos é procurar não impor nada, inclusive o respeito, pois segundo ela “o respeito vem do conhecimento”, pois acredita que quando se é mostrado o conhecimento, automaticamente é gerado o respeito, devido à Arte Marcial já ter disciplina e o respeito cultivados dentro da filosofia.

Afirma que os alunos, ao iniciarem a prática da Arte Marcial, mesmo que não entendam de imediato, percebem que “não é uma musculação ou uma aula fitness”, eles entendem que já há uma história, tornando o respeito algo natural.

Relembra que já houveram casos de alunas não se sentirem confortáveis de treinar ou trocar técnicas com homens, relatando falas como “não quero fazer com ele, porque ele bate forte”. Não se lembra de ter relatado algo explícito por parte dos homens pelo fato dela ser mulher e conduzir a aula. Neste caso, é colocado pela entrevistadora uma situação hipotética e perguntado como a mesma agiria, caso um homem não quisesse praticar com ela conduzindo. A PKF expõe que procuraria conversar com a pessoa, explicando que na Arte Marcial preza-se pela não distinção entre homem e mulher, dando a opção de fazer aula com o professor, caso fosse esse o incômodo e pedindo ajuda deste professor para conversar sobre o assunto com o aluno.

4.1 “Cadê o tio?”

“Sempre fui substituta, nunca tive uma academia, e eu comecei”, relembra a PK, ao iniciar seu trabalho em uma das academias que ministra as aulas. Relata que as dificuldades nos primeiros dias, com a nova turma, são sempre um “desafio”, pois necessita primeiramente “ganhar a confiança do aluno” e “passar segurança”. Recordase que as meninas sempre adoravam, mas os meninos perguntavam “cadê o tio?”. Relata que a dificuldade maior é com os meninos, e que até hoje, mesmo com vasta

experiência em aulas, ela expõe que “se eu tiver um homem na minha aula, eu fico meio restrita, para ver o que irei fazer, mas depois eu vou pelo lado do profissionalismo, já posso fazer o meu trabalho”.

Durante as aulas, conta que às vezes um menino se nega a fazer com uma menina, mas diz que sempre tenta “reverter a situação” dizendo: “Faz um pouquinho com ela. Depois com ele”, tentando fazer sempre com que os alunos sintam confiança, pois afirma que, se algo mais grave acontecer, ela teria que buscar estudar mais a respeito para conseguir dialogar mais sobre o assunto.

As pedagogias aplicadas nas aulas sempre têm um início lúdico, segundo a PK, com o tema voltado para a prática do karatê caracterizado por ela por “brincadeiras inteligentes”. Implementando nas brincadeiras uma “inclusão social”, relata que às vezes ela propõe menina contra menino, outras ela elege um líder tentando ser igualitária para ambos.

Em uma de suas substituições em academias em que iniciaria a regência de aulas, anteriormente realizadas por um professor, relembra que o pai de um aluno, após ter observado a sua aula, se dirigiu a ela dizendo:

“Nossa, parabéns viu! Porque o seu rendimento de aula e a sua metodologia, têm um jeito diferente, não querendo desprezar o professor. Mais quando você entrou eu pensei que por você ser uma mulher, eu não dava nada para você, mas depois que eu vi o jeito da aula, a sua metodologia, o jeito que você levou a turma, está de parabéns!”

Hoje, segundo a PK, ele se tornou um admirador do seu trabalho e sempre a elogia.

4.2 “Quem essa menina pensa que é. Mulher. O que ela acha, eu dou uma surra nela”

Em sua primeira aula como professora, a PMT imaginava que seria fácil, devido a já saber a “sequência do aquecimento” e o treinamento. Porém ao aplicar, ela lembra que “deu um branco”, não se lembrava e se perguntou: “Gente, o que é que eu

vou fazer?”. Sentiu-se muito nervosa, ainda mais por serem todos homens, segundo ela “eram todos homens, grandes e altos, e “nossa””.

Narra que na sua iniciação como professora ela foi solicitada pelo professor para reger uma aula, recorda-se:

O que aconteceu foi logo no início, quando eu comecei a dar aula, o meu professor pediu para eu dar um treino, e ele saiu. E tinha um aluno novo que era de outra arte marcial. E me viu mulher. Nisso, ele fez comentário com alunos que eram amigos meus “quem essa menina pensa que é. Mulher. O ela acha, eu do uma surra nela”. Só que saiu um aluno e veio e falou para mim, olha que cara, o rapaz falou tal coisa; ele achou um absurdo, e na verdade eu não iria fazer nada, de verdade, mas eu comentei com o meu professor. Falei, “o aluno tal foi desrespeitoso”. Aí ele entrou na aula e começou a dirigir a aula, e me colocou para treinar com o rapaz que havia falado. E aí, enfim, infelizmente com palavras a gente não tem como argumentar nada, eu tive que mostrar treinando.

Em outros momentos a PMT, diz que já aconteceu de um aluno se interessar por fazer aula e perguntar “Você dá aula, mulher?”, e sua postura quando acontece é sempre de descontração, pois acredita que não adianta usar de tons de voz agressivos. Relata que

Na aula, se ele está observando ou se está na aula experimental, ele vê; porque eu não estou ensinando força, porque força você vai ali na musculação, você levanta peso, eu estou ensinando técnica. E ali ele vai poder observar e avaliar se eu sou competente ou não, eles ficam”.

Mas relembra o caso anterior (citado a cima), que caso hoje este acontecimento ocorresse em sua academia, ela não agiria da mesma forma, ela diz: “Eu iria simplesmente pedir para se retirar e procurar algo que ele achasse melhor”.

A pedagogia que ela busca ensinar é respeitar o processo da aluna que tem medo de se machucar, ou que não queira fazer troca de técnica com outro homem. Fazendo com que esta aluna seja estimulada a “ser uma mulher mais forte, ser dura”, mostrando para elas o quanto as mesmas podem, aumentando a confiança nelas mesmas.

4.3 ““Ele olha e fala: “Aí, o treino é forte?” ... “Tem outra pessoa que também dá aula?””

PJ gerenciou sua primeira aula em uma escola do ensino infantil, onde os alunos não conheciam a cultura das Artes Marciais, denominando sua primeira experiência, fora de sua academia como “um caos”. Neste período, a PJ estudava Educação Física, e começou a levar seus relatos aos professores, para obter ajuda, e foi através do conhecimento do lúdico, na criação e histórias, que começou a ter sucesso em suas aulas, conseguindo ensinar a Arte Marcial para as crianças.

Com as experiências acumuladas, ela afirma que, em alguns momentos, percebeu nos olhares por ela ser uma mulher gerenciando uma aula, mas nada tão direto, ela apenas relembra que geralmente a abordagem é “Aí, o treino é forte?” ou “Tem outra pessoa que também dá aula?”, não deixando explícito se a estratégia que ela usa é, caso o aluno nunca tenha praticado, tentar mostrar os pontos fortes daquela aula, deixando o mesmo analisar o seu pré-julgamento; ou se a pessoa já treinou antes, expõe algum tipo de treinamento que faz de Judô, e geralmente eles dizem, segundo ela: “Nossa, é forte!”. Ela ainda argumenta, dizendo: “Se a pessoa não entende nada eu falo, eu jogo com o “bril” da pessoa: “Talvez você tenha que entrar em uma turma iniciante, porque talvez a minha turma seja muito forte para você, mas a gente vai fazer um teste, a gente vê se você pode começar ou não”, procurando, desta maneira, não impor alguma atitude agressiva sobre a pessoa.

Comenta que hoje ela tem percebido com mais facilidade a relação de gênero em suas aulas, não sabendo definir se quando ela treinava já havia, ou se com o passar do tempo foi a convivência em lugares distintos, que não fossem apenas no seu clube. Relata que nos treinos, ela sendo técnica da equipe feminina e ter mais proximidade com elas, a PJ tem recebido mais queixas sobre este assunto do que antes, dizendo que: “Ai, ele está me olhando diferente” ou “Ai, ele não quer treinar comigo”, analisando que esta queixa vem mais das mulheres do que dos homens, afirmando que “os homens não se importam muito com isso, é uma impressão minha, mas eu não sei definir se é exatamente isso. Eu falo: “se coloca na frente dele, não precisa ninguém pedir pelo amor Deus para treinar com você””, tentando levar para elas o entendimento e a atitude naturais da relação. Ela compara como elas agiriam se você fosse uma menina, mostrando, segundo ela, que teria que haver a mesma atitude, levantando a hipótese de testar mais situações como essa, para conseguir aprender e investigar mais sobre o assunto.

Neste caso, a PJ diz não aplicar nenhuma pedagogia específica, pois acredita que ensinando para os homens a pensar a partir de uma inteligência emocional “que as mulheres têm”, principalmente quando se refere a situações “táticas da luta”, ensinando-os a “pensar mais e organizar melhor o raciocínio e as mulheres aprenderem a ser mais agressivas”, tentando, desta forma, mostrar durante os treinos. Relata que anteriormente, quando algo do tipo acontecia, dizia: “Mas que absurdo, para e vai lá lutar”. Porém, hoje ela compreende melhor e tenta falar com a pessoa em particular, para tentar resolver.

4.4 As metodologias pedagógicas interligadas ao gênero e às Artes Marciais

Diante do relato das professoras convidadas, percebe-se uma preocupação com o ensino-aprendizagem, mostrando tais aspectos sistemáticos dos aspectos educacionais, relacionando as metodologias pedagógicas do esporte e das Artes Marciais.

Breda, Galatti, Scaglia e Paes (2010) partem de uma visão mais ampla das lutas e das Artes Marciais. Denominando-as de lutas corporais, os autores elegem tal prática como parte da cultura corporal de movimento dos seres humanos, porém que exige maior inclinação para as perspectivas pedagógicas renovadoras, fazendo referência ao caráter tradicionalista habitualmente relacionado às lutas e às suas perspectivas pedagógicas no ensino dessa prática, onde tais pensamentos se interligam com os de Rufino e Darido (2012), autores que afirmam que falta às lutas corporais fomentar suas proporções pedagógicas, promovendo, desta forma, uma prática criativa, reflexiva e que leve os alunos à autonomia.

Analisando os relatos das professoras, com o propósito desta pesquisa, percebe-se que cada uma delas criou a sua própria forma pedagógica de lidar com situações e assuntos que envolvem o tema gênero dentre as suas aulas. Assim como citado acima pelos autores Breda, Galatti, Scaglia e Paes (2010), que expõem um maior direcionamento para novas perspectivas visando renovadas pedagogias, e assim dialogando com as professoras que relatam as estratégias que elas usam para abordar tais assuntos, seja ensinando a Arte Marcial ou em alguma atividade lúdica, realizando assim, como na fala da PK, uma “inclusão social”, fazendo com que o indivíduo consiga

conviver com as diferenças e possa respeitá-las. Assim como a PJ, que relembra que em suas primeiras aulas com crianças, ela usou a estratégia pedagógica do lúdico. Segue o relato:

Quando eu entrei na [universidade], eu fui dar aula em uma escola infantil, aí foi um caos, porque não tinha a cultura, eu tinha que ensinar, eu dizia que parecia que eu poderia arrancar a roupa e pisar em cima que as crianças não iriam dar bola para mim. Na faculdade, nós estudávamos a questão do lúdico usando a história, então eu comecei criando histórias e colocando os exercícios do Judô dentro das histórias, e foi quando as coisas começaram a funcionar.

A ferramenta do lúdico nas aulas da PK, também são frequentes, pois acredita que quando aplicadas com temáticas voltadas para o Karatê, elas auxiliam a compreensão igualitária para ambos. Compreendido por Fabiani (2016), a interação do lúdico por meio do faz de conta, pedagogia esta que defende o imitar, sendo a mesma imitação de algum personagem arraigado ao contexto da Luta, como ninjas, samurais, mestres, senseis, indígenas, capoeiristas, dentre outros. Afirmam que, deste modo, a criança se apropria de forma significativa dos gestos, da estética, dos valores e dos contextos histórico-cultural presentes na diversidade manifestadas em cada modalidade de Luta (FABIANI, 2016).

Nesse seguimento, contextualizamos compreendendo as práticas de Luta e os significados particulares de cada uma, sendo o ambiente no qual são praticadas, as vestimentas, as histórias e as lendas, os personagens, a lógica interna, os valores, os gestos, entre outros, meios que sejam representativos, compondo desta forma a cultura corporal, sistematizando os processos educativos (FABIANI, 2016).

Cada modalidade traz consigo sua história, sua origem e suas tradições, nas quais acarretam as manifestações de Luta, mesmo havendo fatores que diferenciam uma modalidade da outra, onde até mesmo uma única modalidade pode trazer consigo diferentes vertentes (GOMES, 2010). Desta maneira, constatamos que sendo as modalidades dessas práticas corporais tão distintas, logo também as suas formas de ensinar também poderiam ser, porém as quatro professoras entrevistadas, todas seguem a linha de ensino que as mesmas aprenderam, com os gestos específicos feitos de

maneira e hora correta, respeito com o outro praticante seja ele iniciante ou não, a forma de agir e se portar, entre outros, onde independente da situação que era colocado para elas como hipotética as mesmas sempre utilizavam-se dessas aprendizagens, tentando perpetuar entre todos os alunos. Assim como a PJ, onde afirma que não usa pedagogia específica para abordar o gênero com os alunos jovens/adultos, mais que acredita que uma maneira seja ensinando para os homens a pensar com uma inteligência emocional e uma melhor organização de seus pensamentos, dentro e fora dos tatames através de conversas. Interligando a mesma tática com a PMT e a de PKF, que por meio da conversa acreditam ser o melhor caminho, ao invés de impor o respeito. Assim como Paes (2006), tais métodos são necessários, pois são a priorização desses mecanismos que estimulem o praticante a identificar e a resolver problema e a criação de novos gestos.

Percebendo através da fala das professoras, como as mesmas lidam com o tradicionalismo das Artes Marciais e ao mesmo tempo tentam incorporar de forma sutil a discussão e a desconstrução de termos bastante debatidos em outras áreas. Com o ensino das lutas corporais a dimensão conceitual, segundo Rufino e Darido (2012), está presente nas explicações das regras, no ensino de fatos históricos tradicionalmente alusivo à modalidade, às explicações a respeito da forma de treinamento (podendo estar arraigados ao campo da biomecânica, bioquímica e teoria do treinamento), às lutas corporais relacionadas com a mídia, às lutas na educação formal e não-formal, entre outras situações. Tais situações, nas quais os/as professores (as) de Artes Marciais podem estar presentes e levar o ensino das práticas, porém devido à vasta variedade de público e locais de aplicabilidade das Lutas, cabe ao professor(a) analisar quais as metodologias pedagógicas a serem usadas e como serem utilizadas para determinado público, para que os alunos possam ter maior entendimento motor e social de tais ensinamentos.

Contudo, o ensino das lutas corporais deve ser relacionado por meio de práticas pedagógicas claras e objetivos concretos, ensinando por meio dos métodos, parcial e global, utilizando brincadeiras, jogos e muita repetição das técnicas sequenciadas (RUFINO; DARIDO, 2012).

5 - Considerações finais

Apresentamos o gênero no âmbito das Artes Marciais buscando o histórico-cultural presente na pluralidade significativa das artes, relacionados com a regência de professoras neste campo.

Ao averiguarmos as respostas das professoras entrevistadas, notamos que é necessário compreender as especificidades destas práticas corporais, pois estas são geradoras de sentidos que, por sua vez, constroem significados aos praticantes. Ou seja, é mediante esses sentidos próprios e singulares que estas práticas corporais fundamentam-se como parte inerente do se-movimentar humano, nas quais envolvem a importância histórica, social e cultural (RUFINO; DARIDO, 2012).

Nesta perspectiva, é proposto para a aprendizagem, seja da Arte Marcial, pautada neste trabalho, como nas Lutas ou lutas corporais, que tenham os jogos, a imitação de personagens como mediadores, assim como também as situações imaginárias e as regras sociais como atributos das vivências desenvolvidas, os processos de mediação simbólica, social e material como favoráveis às ações (FABIANI, 2016).

Tais processos de aprendizagem devem abarcar, ao mesmo tempo, os campos cognitivos, afetivos e comportamentais, onde o componente afetivo adquira uma importância capital, conseguinte àquilo que pensa, sente e como comporta uma pessoa, que não submete-se apenas ao que está socialmente estabelecido, mas que acima de tudo as relações pessoais em cada indivíduo designam com o objetivo da atitude ou valor. Deste modo, é possível enfatizar a relação entre a dimensão atitudinal e as lutas corporais como a disciplina, o respeito e a ética, fortemente vinculados à tradição de tais práticas, dando-se por meio de imposição, não havendo contextualização ou explicação pedagógicas sobre o ensino desta proporção (RUFINO; DARIDO, 2012).

Defendemos neste estudo a compreensão pedagógica das Artes Marciais, Lutas ou lutas corporais e a desconstrução de ideais sexistas, para que o tradicionalismo seja complementar com o âmbito social vivido nos dias atuais pelos seus praticantes, pois acreditamos que o gênero seja socialmente construído, cabendo aos regentes de cada área, assim como às professoras, desmistificar tais diferenças, fazendo, como constatado pelas professoras entrevistadas, com que os praticantes dessas práticas

corporais progridam na sociedade como indivíduos semelhantes, com mesmos direitos e deveres.

O sub entendimento de tais dimensões, embora estejam tradicionalmente intercaladas, diversas vezes a prática pedagógica destas modalidades não consegue englobar o modo significativo desta dimensão, com o respeito aos outros praticantes e aos que não praticam a modalidade, ética, respeito mútuo, solidariedade, justiça, entre outros, sendo essencial que tal dimensão seja sistematicamente relacionada ao dos processos de ensino e aprendizagem das lutas corporais (RUFINO; DARIDO, 2012).

Contudo, ressaltamos, através de dados relatados e estudos publicados, que é possível e necessário que seja feita a junção entre a tradição e a modernidade, pois assim como Rufino e Darido (2012), no mesmo momento em que houver métodos inquestionáveis de ação e práticas cristalizadas pela visão da autoridade e da disciplina excessiva, deixando de permitir críticas à prática de tais modalidades de lutas corporais, irá sempre apresentar uma deficiência, que impossibilitará que haja justamente o que representa uma prática marcial, a discussão, a criação e a vivência que fomentem experiências significativas.

Referências

Adelman, M. (2007). **Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades**. In: Movimento, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-29.

AGUIAR, José Otávio. Literatura Wushia, Budismo, marcialidade e ascese: da arte da guerra à historiografia sobre o mosteiro de Shaolin. **Antíteses**, v. 2, n. 4, 2009.

ALTMANN, Helena. AYOUB, Eliana, AMARAL, Sílvia C. F. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Revista Estudos Feministas** (UFSC. Impresso). , v.19, p.491 - 501, 2011.

ALMEIDA, Sebastião Carlos Ferreira de; BRAZ., Prof. Dr. Camilo. **MIXED MARTIAL ARTS (MMA) NO BRASIL: MASCULINIDADES EM DISPUTA**. 2016. 409 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

ANDRADE DE MELO, Victor. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 54, 2007.

ANTUNES, Marcelo Moreira. A relação entre as artes marciais e lutas das academias e as disciplinas de lutas dos cursos de graduação em educação física. **EFDeportes Revista Digital, Buenos Aires**, v. 14, n. 139, 2009.

ANTUNES, Marcelo Moreira; ALMEIDA, Jose Julio Gavião de. **Arte Marciais, lutas e esportes de combate na perspectiva da educação física: reflexões e possibilidades**. Curitiba: Crc, 2016. 164 p.

APOLLONI, Rodrigo Wolff. Eu Sou a Invencível Deusa da Espada—A Representação da Mulher na " Cultura Marcial" Chinesa e seus Possíveis Reflexos sobre as Relações de Gênero. **Revista de Estudos da Religião**, n. 1, p. 71-90, 2004.

APOLLONI, Rodrigo Wolff et al. " Shaolin à brasileira": estudo sobre a presença e a transformação de elementos religiosos orientais no Kung-Fu praticado no Brasil. 2004. ARAUJO, Marcus Paulo; ALVARENGA, Raphaela. LUTAS E QUESTÕES DE GÊNERO: CONSTRUÇÕES HISTÓRICO-SÓCIO-CULTURAIS. In: **III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte**. 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do mundo**. 7. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2008. 733 p. Vários tradutores. Título original: La misere du monde. Disponível em: <<https://producoeseconhecimentos.files.wordpress.com/2015/08/pierre-bourdieu-a-misc3a9ria-do-mundo-pp-693-713.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2017.

BONETTO, Pedro Xavier Russo; MESQUITA, EMEF Julio. MUAY THAI: UM RELATO DE RESSIGNIFICAÇÕES.

BUTLER, Judith. Butler e a desconstrução do gênero resenha: Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade In: BUTLER, Judith; AGUIAR, Renato. **Estudos Feministas**. Florianópolis: Civilização Brasileira, 2005. p. 179-199. Tradução de Renato Aguiar/ Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

BRASIL. Deliberação do Decreto-Lei nº 3.199, artigo 54, de 4 de abr. de 1941. Altera a legislação tributária federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm>. Acesso em: 18 nov. 2016.

BRASIL. Revogação do Decreto-Lei nº 3.199, artigo 54, de 2 de ago. de 1965. Altera a legislação tributária federal. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

BREDA, M.; GALATTI, L.; SCAGLIA, A.J.; PAES, R.R. Pedagogia do esporte aplicada às lutas. São Paulo: Phorte, 2010.

CONCEIÇÃO DE SOUZA, Gabriela et al. Rosiclea osiclea Campos no judô feminino brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, n. 2, 2015.

CHAVES, Paula Nunes; DE ARAÚJO, Allyson Carvalho. Pensando o corpo travestido e transexualizado no esporte: uma análise da película Beautiful Boxer. **Motrivivência**, v. 27, n. 45, p. 219-229, 2015.

DE ARRUDA VEIGA FILHO, Alceu; DE CARVALHO, Flavio Condé; NETO, Afonso Negri. O Budismo como instrumento de política: o caso da Tailândia. Disponível em: <http://www.faap.br/revista_faap/rel_internacionais/rel_03/braga.htm/>. Acesso em: 18 nov. 2016.

DE OLIVEIRA, André Luis. JOGOS/BRINCADEIRAS DE LUTAS: AS CULTURAS CORPORAIS DE LUTAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA. In: **IV Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**. 2017.

DE SOUSA, Eustáquia Salvadora; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, ano **XIX**, n. 48, 1999.

Elias, N. (Org.) (1992). A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992.

ESCUADERO, Nyna Taylor Gomes; DE OLIVEIRA JUNIOR, Jorge Luiz. A educação física cultural na escola: tematizando os diferentes discursos do Muay Thai. **Instrumento-Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 16, n. 2, 2015.

FABIANI, Débora Jaqueline Farias; SCAGLIA, Alcides José; DE ALMEIDA, José Júlio Gavião. O JOGO DE FAZ DE CONTA E O ENSINO DA LUTA PARA CRIANÇAS: CRIANDO AMBIENTES DE APRENDIZAGEM. **Pensar a Prática**, v. 19, n. 1.

FIGUERÔA, Katiúscia Mello et al. Impressões femininas sobre a presença da mulher na capoeira. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, v. 4, n. 2, p. 16-31, 2014.

FERNANDES, João Luís; ARAÚJO, Angélica. O Tabu do Turismo Sexual na Sociedade Contemporânea. 2013. Disponível em: <[https://www.academia.edu/4033179/O Tabu do Turismo Sexual na Sociedade Con](https://www.academia.edu/4033179/O_Tabu_do_Turismo_Sexual_na_Sociedade_Contempor%C3%A2nea)
[tempor%C3%A2nea](https://www.academia.edu/4033179/O_Tabu_do_Turismo_Sexual_na_Sociedade_Contempor%C3%A2nea)>. Acesso: 15 de out. de 2017.

FERNANDES, Vera Lúcia FP et al. A produção de feminilidades de atletas de Luta Olímpica. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, 2014.

FERNANDES, Vera et al. Mulheres em combate: representações de feminilidades em lutadoras de boxe e MMA. **Rev. Educ. Fís**, Porto Alegre-rs, v. 26, n. 3, p.367-376, set. 2015. Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande. Disponível em: <<http://pesquisa.bvs.br/brasil/resource/pt/lil-767212>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

FERRAZ, Simone; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. A inserção da mulher na arte marcial: o caso do kung fu. **Revista Digital Buenos Aires**, São Paulo, n. 166, p.1-8, mar. 2002. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

FERRETTI, Marco Antonio de Carvalho. **A formação da lutadora: estudo sobre mulheres que praticam modalidades de luta**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FERRETTI, Marco Antonio de Carvalho; KNIJNIK, Jorge Dorfman. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. **Movimento Porto Alegre**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p.57-80, Não é um mês valido! 2007.

FERREIRA, Heidi Jancer; SALLES, José Geraldo Carmo; MOURÃO, Ludmila Nunes. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. **Journal of Physical Education**, v. 26, n. 1, p. 21-29, 2015.

FROSI, Tiago Oviedo; MAZO, Janice Zarpellon. Repensando a história do karate contada no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. 2, p. 297-312, 2011.

GASTALDO, Édison Luis; BRAGA, Adriana Andrade. Corporeidade, esporte e identidade masculina. **Estudos Feministas**, p. 875-893, 2011.

GOMES, M. S. P. ; MORATO, Márcio. P. ; DUARTE, E. ; **ALMEIDA, J. J. G.** . O Ensino das Lutas: Dos princípios condicionais aos grupos situacionais. Movimento (UFRGS. Impresso) ^{JCR}, v. 16, p. 207-227, 2010.

GOMES, M. S. P. Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades. 2008. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ISOTANI, Mina. **A representação do feminino: a construção identitária da mulher japonesa moderna.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GRESPLAN, Carla Lisbôa. **Mulheres no octógono: performatividades de corpos e sexualidades.** 2014. 112 f. 2014. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Escola de Educação Física-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

J. L'HYGÈNE MODERNE. Paris: Flammarion, 1919, about História da virilidade. . A virilidade em crise? Séculos XX-XXI, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. v. 3; VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.) p.269 – 301.

KANASHIRO, C. Karate-do: da arte marcial ao esporte. Rio Claro, 2008. 37p. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Disponível em: <

http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119508/kanashiro_c_tcc_rcla.pdf?sequence=1 >. Acesso em: 18 nov. 2016.

KANNO, Jéssica Sayuri Mori. MADE IN CHINA: UMA ANÁLISE DE RELATOS RECOLHIDOS A RESPEITO DAS MULHERES CHINESAS (1980-1997).

LANDGRAF GONÇALVES, Arisson Vinícius; SANTOS DA SILVA, Méri Rosane. Artes marciais e lutas: uma análise da produção de saberes no campo discursivo da educação física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 3, 2013.

LIMA, P. B. B. **A trajetória do muay thai em solo brasileiro.** Trabalho de conclusão do curso de educação física). Rio de Janeiro UGF, 2005

LOPES FILHO, Brandel José Pacheco; DE OLIVEIRA MONTEIRO, Alberto. A simbologia presente nos estilos de Karate-Dō. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, n. 3, p. 395-407, 2015.

LOURENÇÃO, Gil Vicente Nagai. Dos mares do Japão às Terras Brasileiras: Algumas considerações sobre o Brasil, a imigração japonesa e sua influência na agricultura. **Revista TOMO**, 2015. Disponível em:

<https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/4406> . Acesso em: 16 nov. 2017

LOURO, Guacira Lopes. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MOLINERO, Miriam; STILBEN, Cristina; TELLES, Silvio. Mulher & Muay Thai: um relato de uma das pioneiras no Rio de Janeiro. **MULHER. Coleção Pesquisa em Educação Física**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p.157-162, abr. 2010. Disponível em:

<<http://www.fontouraeditora.com.br/periodico/vol-9/Vol9n2-2010/Vol9n2-2010-pag-157a162/Vol9n2-2010-pag-157a162.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

MOREIRA, S.M. Pedagogia do esporte e o karatê-dô: considerações acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce. 2003. 212f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MOURÃO, L. Vozes femininas e o Esporte Olímpico no Brasil. In: TURINO, M.; DACOSTA, L. (org.). **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002. v. 1, p.831-849.

NICHOLSON, Linda; SOARES, Luiz Felipe Guimarães; DE LIMA COSTA, Claudia. Interpretando o gênero. **Estudos feministas**, p. 9-41, 2000.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Contribuições dos Estudos Culturais para o currículo da Educação Física**. São Paulo: Yendis, 2009. 192 p

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Praticando estudos culturais na educação física**. Yendis, 2009.

NOVA CULTURA: revista de cultura e teoria política. São Paulo: Raízes da América, 02 fev. 2016. Disponível em: <<https://www.novacultura.info/single-post/2016/2/2/A-Libertação-da-Mulher-na-China>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

NUNES, Alexandre Velly; RUBIO, Kátia. As origens do judô brasileiro: a árvore genealógica dos medalhistas olímpicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 4, p. 667-678, 2012.

OLIVEIRA, A.L. **Jogos/ brincadeiras de lutas: as culturas corporais na formação de professores de educação física**. In: COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA: as lutas no contexto da motricidade, 4.; SIMPÓSIO SOBRE O ENSINO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: 15 anos do Curso de Educação Física da UFSCar, 3.; SHOTO WORKSHOP, 5., 2009, São Carlos. Anais... São Carlos: UFSCar, 2009. p.148-171. CD ROM.

PAES, R.R. **Desenvolvimento das aulas de lutas: da compreensão teórica aos procedimentos práticos**. In: BREDA, M.; GALATTI, L.; SCAGLIA, J.A.; PAES, R.R. Pedagogia do esporte aplicada às lutas. São Paulo: Phorte, 2010.

PAES, R.R. Desenvolvimento das aulas de lutas: da compreensão teórica aos procedimentos práticos. In: BREDA, M.; GALATTI, L.; SCAGLIA, J.A.; PAES, R.R. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. São Paulo: Phorte, 2010. _____. Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.20, n.5, p.171, 2006.

PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a (categoria) mulher**. Textos didáticos, v. 48, p. 7-42, 2002.

PUCINELI, F. A. **Sobre luta, arte marcial e esporte de combate: diálogos**. 2004. 50f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

RATTI, O.; WESTBROOK, A. Segredos dos Samurais: As Artes Marciais do Japão Feudal. São Paulo: Madras, 2006.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.26, n.2, p.283-300, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S180755092012000200011&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 18 de agost. 2017

SAITO, Cecília. A Cultura Japonesa entre o Kimono e o Gesto no Corpo Feminino Japonês. **Revista de Estudos Universitários-REU**, v. 34, n. 2, 2009.

SALINAS, Carmen. Generando otras potencias: fútbol y género: Caso Club Boca Juniors. **Lecturas: EF y Deportes**, Buenos Aires, v. 8, n. 56, 2003. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd56/genero.htm>>. Acesso em: 18 de jun. 2017.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SILVA, L.O.; MOLINA NET, V. Os sentidos da escola da Educação Física para estudantes e docentes de uma rede pública municipal. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 1139-1158, jul/set., 2014. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/download/40669/31625>. Acesso em: 23 out. 2017.

SILVA, Gisele P. Histórico da mulher no judô, preconceitos, estereótipos e discriminações. **Revista Motrivivência**, Florianópolis: UFSC, ano V, n. 5,6,7, p. 195-207, dez. 1994. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/download/14666/13447>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

SILVA, Tatiana Amaral. Turismo sexual, prostituição e gênero: uma discussão teórica¹. 2007.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE JOGOS E ENTRETENIMENTO DIGITAL, 3., 2010, Florianópolis. **Trilha de Games & Cultura**. São Leopoldo – Rs: Full Papers, 2010. 9 p. Disponível em: <<http://www.sbgames.org/papers/sbgames10/culture/full/full5.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

SOUZA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p.52-68, 1999.

Turelli F, Vaz A (2011). Lutadora, pesquisadora: lugares, deslocamentos e desafios em uma prática investigativa. **Revista Est Feminista**, Federal de Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n3/13.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). **História da virilidade**. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. v. 3. p.269 – 301.

SAITO, Cecília. A Cultura Japonesa entre o Kimono e o Gesto no Corpo Feminino Japonês. **Revista de Estudos Universitários-REU**, v. 34, n. 2, 2009.

TURELLI, Fabiana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. Lutadora, pesquisadora: lugares, deslocamentos e desafios em uma prática investigativa. **Estudos Feministas**, p. 895-910, 2011.

TRALCI FILHO, Marcio Antonio. **Artes marciais chinesas: histórias de vida de mestres brasileiros e as tensões entre a tradição e o modelo esportivo. 2014. 241 f.** 2014. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado)-Curso de Educação Física, Universidade de São Paulo, São Paulo.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 2, p. 163-170, 2016.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo; MEYER, Dagmar Estermann. As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. **Rev Brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 5, p.117-128, mar. 2012.

XINRAN. *As boas mulheres da China: vozes ocultas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.